



## ALFABETIZAÇÃO CARTOGRÁFICA: práticas pedagógicas nos anos iniciais

Ederson Dias de Oliveira

edersonguarapuava@hotmail.com

---

Mestre em Geografia pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO); Professor Colaborador da Faculdade de Jandaia do Sul (FAFIJAN) e Agente Educacional II em Jandaia do Sul pela Secretaria de Estado da Educação do Paraná. Endereço: Avenida Anunciato Sonni, 2149. CEP 86900-000. Jandaia do Sul/PR

Thais de Cássia Silva Souza

3doe@bol.com.br

---

Licenciada em Pedagogia pela Faculdade de Jandaia do Sul (FAFIJAN), Professora Estagiária pela Prefeitura Municipal de Jandaia do Sul. Endereço: Praça do Café, 22, Centro. CEP 86900-000. Jandaia do Sul/PR

Ariadny Rayani Santos Rocha

arfuyjandaias@gmail.com

---

Licenciada em Pedagogia pela Faculdade de Jandaia do Sul (FAFIJAN). Endereço: Rua Sete de Setembro, 27, Centro. CEP 87850-000. Amaporã/PR

### RESUMO

O presente estudo objetivou discutir sobre o ensino de Cartografia nas aulas de Geografia, estimulando o desenvolvimento da aprendizagem pela criança conhecendo o espaço geográfico em suas diversas dimensões. Para isso, primeiramente foi efetivado um estudo teórico sobre o tema proposto, em seguida foram aplicadas algumas atividades em sala de aula. Desta maneira utilizou-se de estudos bibliográficos e atividade prática no 1º ano do ensino fundamental na Escola Municipal John Kennedy (município de Jandaia do Sul - Paraná), com atividades explorando o ambiente de sala de aula e o espaço vivido pela criança. Nesse trabalho buscou levar os discentes a compreender o espaço utilizando-se de vários pontos de vista, respeitando o seu desenvolvimento cognitivo para obtenção de resultados que proporcionou a concretização da importância de introduzir os conceitos cartográficos, nos anos iniciais. Essa prática mostrou que essas simples atividades fazem parte do dia a dia da criança, e pode ser muito mais compreendida quando é trazido para a teoria o conhecimento já predisposto na prática. No trabalho também foi ressaltado a formação dos professores ainda precária, fazendo com que os mesmos tenham dificuldades em trabalhar com esta temática de tamanha importância cognitiva.

### PALAVRAS-CHAVE

Ensino de Cartografia, Espaço geográfico, Espaço vivido, Formação dos professores.

## CARTOGRAPHIC LITERACY: educational practices in early years

### ABSTRACT

This study aimed to discuss the teaching of Cartography in Geography lessons, stimulating the development of learning for the child knowing the geographic space in its various dimensions. For this, was first effected a theoretical study on the theme, then it was applied some activities in the classroom. In this way we used bibliographic studies and practical activity in the 1st year of elementary school at the Municipal School John Kennedy (municipality of South Jandaia - Paraná), with activities exploring the classroom environment and the space lived by the child. In this study sought to take the students to understand the space using various views, respecting their cognitive development to obtain results which provided the realization of the importance of introducing cartographic concepts in the early years. This practice has shown that these simple activities are part of everyday life of the child, and can be much more understood when it is brought to the theory knowledge already predisposed in practice. The work was also emphasized the training of teachers still deficient, causing as they have difficulty working with is theme of such cognitive importance.

### KEYWORDS

Cartography teaching, Geographic space, Lived space, Teacher training.

### Introdução

As discussões pertinentes à disciplina da Geografia nos anos iniciais é fundamental para o desenvolvimento do indivíduo, dada às lacunas existentes no ensino de Geografia nos anos iniciais. Nesse contexto, cabe ressaltar a importância do desenvolvimento da noção de espaço geográfico na formação de crianças. Dentro da Geografia, cabe destacar a área da Cartografia, que se refere à representação do espaço geográfico, que tem sido pouco trabalhada na educação infantil.

Castrogiovanni (2000) vem ao encontro desse debate ao colocar que a Cartografia é um instrumento usado para organizar a vida no cotidiano, sendo fundamental, o ensino da mesma já nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Nesta etapa, antes de trabalhar com mapas é necessário saber mapear, localizar, criar referências, símbolos e realizar atividades que levem à construção do conhecimento cartográfico.

Tradicionalmente no ensino dos anos iniciais, há uma priorização das disciplinas de Português e Matemática, sendo as aulas de Geografia secundarizadas. Aliado a isso, cabe ressaltar a formação precária dos professores no ensino de Geografia, o que os

desestimulam a trabalhar com essas temáticas (SILVA; PIMENTEL, 2012). Isso reflete na falta de domínio dos conhecimentos básicos de Geografia pelos alunos, quando estes avançam para os anos finais do Ensino Fundamental.

É preciso conhecer a alfabetização cartográfica de forma que, a mesma seja introduzida já nos primeiros anos dos anos iniciais, a fim de potencializar um cotidiano escolar mais dinâmico e interativo. Isso contribuirá para a constituição gradativa dos conceitos cartográficos, ao passo que andarás junto com o processo de alfabetização e letramento. (BRASIL, 1997).

O domínio da linguagem cartográfica constitui-se num fator de relevância para o desenvolvimento/ensino dos conteúdos da Geografia entre outras disciplinas escolares. A partir desses conhecimentos, os educandos passam a compreender melhor a organização do espaço onde vivem, minimizando dessa forma, as dificuldades nos anos posteriores, quando estes conteúdos se apresentam de forma mais complexa.

O educador deve ter a preocupação de ensinar tais conteúdos desde os anos iniciais, estando sempre atento e capacitado. Essa demanda é crucial para trabalhar a alfabetização cartográfica, conhecimento este que trará benefícios aos alunos na leitura de mapas e do próprio espaço geográfico.

Dessa forma, cabe colocar aqui um questionamento problematizador do trabalho: Como inicializar o ensino da Cartografia nos anos iniciais, de forma a superar as dificuldades que a Geografia tem enfrentado na sua inserção nessa etapa do ensino básico?

Como forma de buscar resposta a essa problemática, o presente trabalho tem como objetivo, discutir sobre o ensino de Cartografia nas aulas de Geografia, estimulando o desenvolvimento da aprendizagem pela criança conhecendo o espaço geográfico em suas diversas dimensões nos anos iniciais do Ensino Fundamental com atividades estimulantes no processo de construção do conhecimento.

## O ensino de Cartografia no anos iniciais do Ensino Fundamental

Cartografia é o conjunto de estudos e operações lógico-matemáticas, técnicas e artes que constrói mapas, carta, plantas, maquetes e outras formas de representação, através de observações. Sendo assim, a Cartografia é considerada uma ciência pela representação precisa e utilização dos seus produtos como documentos sobre o espaço representado (MARTINELLI, 1998; CASTELLAR, 2005).

Nesse interim, temos a Cartografia Escolar que pode ser tratada como área de estudo que analisa o processo do ensino e aprendizagem do mapa, considerando o desenvolvimento mental do aluno. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) para o ensino de Geografia incluem a linguagem cartográfica e os mapas como conteúdos obrigatórios nas salas de aula (BRASIL, 1998).

Dentro desse contexto temos a importância da Cartografia como área da Geografia, na leitura e interpretação do espaço geográfico (CAVALCANTI, 1998). O ensino de Geografia tem o objetivo de estudar o espaço geográfico, que é a relação do homem com o meio em que vive estando em constante transformação. A Geografia nos ensina a fazer uma leitura do espaço, analisando o sistema de organização, tornando leitores competentes de mapas utilizando a Cartografia no ensino (DIAS, 2009).

Romualdo e Souza (2009, p. 87) vêm contribuir com a discussão ao colocar a:

[...] importância do ensino da Geografia e da técnica cartográfica para os alunos das séries iniciais, tendo como alusão os seus locais de vivências, como, por exemplo, a rua, o bairro e a cidade onde eles moram. Com esse trabalho, o aluno estará desenvolvendo as primeiras noções da produção do espaço, compreendendo que ele contribui e faz parte dessa produção espacial [...]

Diante da precária formação de uma parcela significativa de professores nas áreas humanas, a Geografia se torna uma disciplina desinteressante aos olhos das crianças. Como forma de tornar a Geografia mais interessante o emprego da Cartografia pode potencializar isso, dado suas ferramentas de atividades práticas. Isso ocorre pela possibilidade de aulas mais dinâmicas e interessantes, com atividades voltadas para o cotidiano do aluno (ROCHA, 2010).

No processo de ensino aprendizagem as representações cartográficas possibilitam a abordagem do espaço vivido, onde o professor tem a tarefa de proporcionar atividades em que os alunos explorem o espaço geográfico. Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de Geografia de 1997, há algumas sugestões de como agregar a Cartografia, com práticas nos anos iniciais, onde se coloca que:

Desenhar é uma maneira de se expressar característica desse segmento da escolaridade e um procedimento de registro utilizado pela própria Geografia. Além disso, é uma forma interessante de propor que os alunos comecem a utilizar mais objetivamente as noções de proporção, distância e direção, fundamentais para a compreensão e uso da linguagem cartográfica (BRASIL, 1997, p. 88).

Chega de trabalhar a Geografia com apenas leituras de mapas temáticos abstratos, é necessário trabalhar fatos que a criança conheça, que esteja próximo a elas, de forma a desenvolver conceitos espaciais.

A alfabetização cartográfica refere-se ao processo de domínio e aprendizagem de uma linguagem constituída de símbolos, de uma linguagem gráfica (a Cartografia possui códigos e símbolos definidos - convenções cartográficas). No entanto, não basta à criança desvendar o universo simbólico dos mapas, é necessário criar condições para que o aluno seja leitor crítico de mapas ou um mapeador consciente. O processo de alfabetização cartográfica compõe essa apropriação e interpretação dos símbolos cartográficos, que podem oportunizar ao aluno a aplicabilidade posterior em leituras de mapas e contextos espaços-temporais (SIMIELLI, 1986); (SILVA, 2011).

Sendo assim, é necessário preparar o aluno para “ler” representações cartográficas. Para Almeida e Passini (1989, p. 15) “a preparação do aluno para essa leitura deve passar por preocupações metodológicas tão sérias quanto a de ensinar a ler e escrever, contar e fazer cálculos matemáticos”.

De acordo com os PCNs de Geografia (BRASIL, 1997) nos anos iniciais um dos objetivos básicos é o ensino de Cartografia. Ao final do primeiro ciclo, o aluno deve ser capaz de ler, interpretar e representar o espaço por meio de mapas simples. Mas, por onde começar o trabalho de alfabetização cartográfica? De acordo com Almeida e Passini (1989, p. 13) “a realidade é o ponto de partida e de chegada”. Assim, será pela observação do próprio aluno sobre o espaço que o cerca que ele começará a retirar elementos sobre os quais refletir.

A tarefa do professor, portanto, é proporcionar aos alunos situações de aprendizagem que valorizem os seus conhecimentos sobre o espaço vivido, que é o espaço físico e social, onde a criança se movimenta e se desloca. A leitura da organização do espaço precisa começar pelos espaços conhecidos dos alunos. Contudo, para que uma criança realize uma leitura de mapas, ainda que de lugares conhecidos (espaços vividos), é importante que tenha primeiramente aprendido a construí-los.

Para Piaget, citado por Almeida e Passini (1989, p. 22) “todo conhecimento deve ser construído pela criança através de suas ações”, pois a construção do pensamento é feita através da ação e, é por isso que se faz necessário que a criança crie seus próprios mapas para assim vivenciá-los e tornar-se um leitor eficaz.

De acordo com Almeida e Passini (1989, p. 15) o mapa é “uma representação codificada de um determinado espaço real” e para que a criança consiga dar sentido a essa leitura, dar significado aos significantes é preciso que ela viva o papel de

codificador, antes de ser decodificador. É preciso “acompanhar metodologicamente cada passo do processo, reduzir proporcionalmente, estabelecer um sistema de signos ordenados e obedecer a um sistema de projeções para que haja coordenação de ponto de vista (descentralização espacial)” (ibidem, p. 22), a fim do aluno entender a linguagem cartográfica. Assim, é preciso que o professor proponha atividades que levem os alunos a refletirem sobre o espaço. É preciso criar condições para que eles leiam e compreendam o espaço geográfico (VOGES, 2007).

Os desenhos se constituem em um meio valioso para que o professor consiga alcançar esses objetivos, principalmente no primeiro ciclo do Ensino Fundamental, em que o processo de alfabetização está em desenvolvimento e a criança não tem completo domínio da linguagem escrita. O desenho, dessa forma, se constitui em um instrumento didático que pode auxiliar o professor nesse processo de ensino-aprendizagem.

Os PCNs de Geografia (BRASIL, 1997, p. 88) colocam que “desenhar é uma maneira de expressar característica desse segmento da escolaridade e um procedimento de registro utilizado pela própria Geografia”. Além disso, é uma forma interessante de propor que os alunos comecem a utilizar mais objetivamente as noções de proporção, distância e direção, fundamentais para a compreensão e uso da linguagem cartográfica.

Miranda (2003), coloca Piaget como um dos teóricos que aborda a questão da representação do espaço pela criança, através do desenho. Ainda, segundo esse autor, os estudos piagetianos fornecem orientações teóricas metodológicas para o ensino de Cartografia, pois ao analisar o desenho infantil como representação do espaço é possível estabelecer relações com o mapa. Ainda, o ensino de Geografia hoje exige uma abordagem da representação do espaço que contemple também a intersubjetividade.

Assim, o desenho se constitui como linguagem e instrumento para mediação pedagógica, principalmente na fase de alfabetização, período esse, em que a criança ainda não domina a linguagem escrita, sendo que a linguagem oral está em processo de desenvolvimento. Contudo, para que o desenho cumpra sua função é preciso que o professor saiba analisá-lo, tenha conhecimento sobre o assunto e que lhe dê o tratamento didático correto.

## Procedimentos metodológicos

### Área de Estudo

As práticas realizadas neste trabalho referem-se à experiência docente/discente realizada durante o mês de setembro de 2015, na Escola Municipal John Kennedy, situada no centro da cidade de Jandaia do Sul, Paraná (Figura 1). A pesquisa foi desenvolvida com uma turma do 1º ano do Ensino Fundamental.

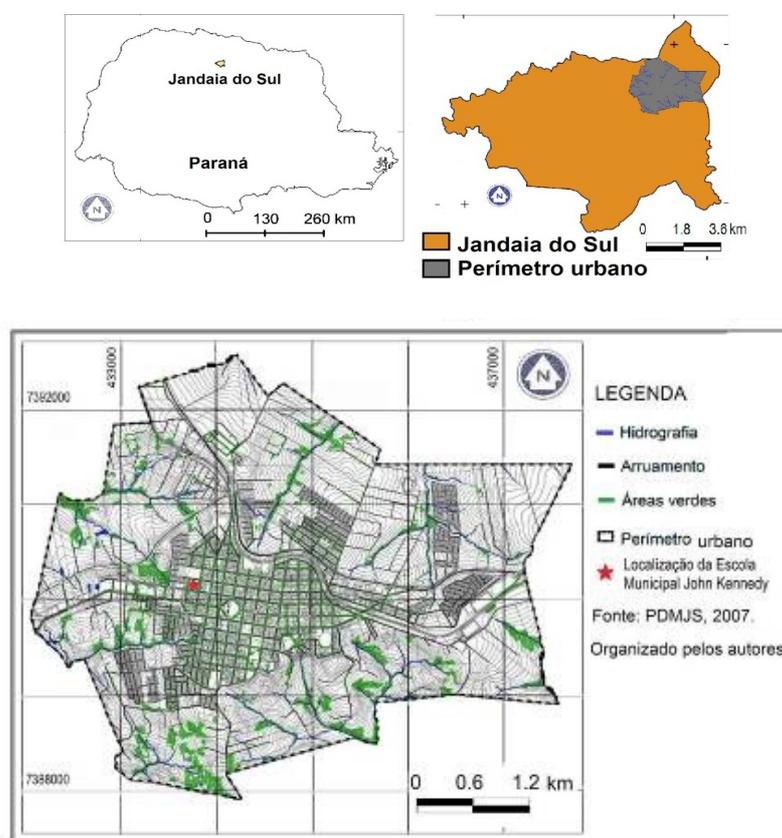


Figura 1: Localização da área de pesquisa  
Fonte: Autores, 2016

O município de Jandaia do Sul localiza-se na região centro-norte do estado do Paraná, contando com uma população total de 20.269 habitantes, (90,44% urbana e 9,56% rural) (IBGE, 2010). O mesmo conta com uma área territorial aproximada de 187,6 km<sup>2</sup>, sendo que destes, cerca de 16,36 km<sup>2</sup> (8,72%) é ocupado pela área urbana da sede do município. O processo de urbanização na cidade é recente, ou seja, se

intensificou nas últimas décadas do século XX, assim como a expansão da malha urbana (DIAS-OLIVEIRA [et al], 2013).

### **Procedimentos metodológicos adotados**

Para a realização do presente trabalho foi elaborado um levantamento teórico, onde à cartografia escolar foi o principal tema estudado. Em seguida, partiu-se para a aplicação das atividades junto aos alunos, as quais foram divididas em: desenho da sala de aula; apresentação da maquete e introdução do mapa da sala de aula; e localização e orientação a partir do mapa temático.

Desenho da sala de aula: nessa atividade foi realizada uma conversa com os alunos de forma a introduzir o conceito de Geografia e Cartografia. Nesse contexto foi abordado o ponto de vista espacial de cada aluno, tendo como base o lugar que cada um ocupa na sala de aula. Dessa forma, foi solicitado de cada um, que desenhasse a sala de aula (espaço) considerando o lugar que estava sentado. Num segundo momento, foi pedido que desenhasse a sala de aula vista de cima.

Apresentação da maquete e introdução do mapa da sala de aula: nessa etapa objetivou mostrar para os alunos, de forma simples, o processo de criação de um mapa, concomitantemente, introduzindo e trabalhando conceitos cartográficos. Depois de relembrar os conteúdos já trabalhados, foi feito o seguinte questionamento: O que é uma maquete? Em seguida foi apresentada a maquete da sala de aula, a fim de facilitar a mediação da professora. Com isso os alunos foram questionados sobre os elementos da sala de aula retratados na maquete, e como esses elementos eram vistos de cima. Ainda destacou-se sobre o correto posicionamento da maquete, e a observação a partir de pontos de vista diferentes.

Numa etapa posterior, foi apresentada para os alunos a planta baixa da sala e feita à relação com a maquete, sendo chamada a atenção dos alunos quanto à presença da legenda e para que pensassem sobre qual seria a sua função. Cada aluno recebeu uma cópia da planta baixa e a partir desse instrumento foi trabalhado o correto posicionamento da mesma. Após o posicionamento da planta baixa, cada aluno localizou a sua fileira e, depois a sua carteira na mesma. Feito isso, escreveram o seu nome dentro da representação da carteira e escreveram o nome do colega que sentava à sua frente e o que sentava atrás.

Localização e orientação na sala de aula a partir do mapa temático: nessa etapa objetivou-se trabalhar a localização por gênero dentro da sala de aula a partir da elaboração de um mapa temático, salientando a importância da legenda.

Num primeiro momento foi entregue para cada aluno uma cópia do mapa sem a legenda e pedido que o posicionassem corretamente. Nesse foi explicado que a legenda seria criada por eles mesmos. Então foi definida a cor das carteiras das meninas, dos meninos e das carteiras sem alunos. Posteriormente os alunos iniciaram a pintura seguindo uma ordem para não se confundirem iniciando da primeira fileira da direita para a esquerda ou vice-versa.

## Discussão dos resultados

O desenvolvimento das atividades ocorreu suscetivelmente a cada explicação, onde os alunos procuraram expressar o conhecimento adquirido no papel. A partir das análises dos desenhos feitos pelos alunos de forma genérica observou-se que a maioria realizou a atividade com detalhamento.

De forma geral, procuraram retratar a realidade com a maior fidelidade possível, de acordo com a subjetividade de cada um incorporando em sua representação aspectos da paisagem interna e externa da sala de aula. No primeiro momento foi realizada uma conversa com os alunos, introduzindo o conceito de ponto de vista do lugar onde cada um estava sentado. Como exemplo foi utilizado um aluno que estava na fileira do meio, dizendo que ao seu lado direito havia uma menina, e do lado esquerdo um menino, a sua frente a professora.

As figuras do quadro abaixo são alguns exemplos de como foi representada a sala de aula pelos alunos.



Figura 2: Desenho da sala de aula considerando o ponto de vista do lugar em que está sentado.

A Figura 3 apresenta um desenho que evidencia uma criança com noção de espaço ainda em desenvolvimento próprio das características do 1º ciclo. Isso foi detectado, quando retrataram as carteiras de um lado da sala, tendo o restante da sala/ folha de sulfite vazia. Dessa forma pode-se entender que a totalidade do espaço ainda não foi explorada pela criança quando este é cartografado. A isso se soma a faixa etária das crianças que ainda não possibilitou o desenvolvimento da noção de proporcionalidade e do conceito de escala cartográfica que deverão ser exploradas no 2º ciclo. Isso é comum quando as crianças brincam em partes restritas de um amplo pátio, ou quando desenha numa folha apenas uma pequena parte, deixando o restante em branco, dando a impressão a ela que já pintou toda a folha.

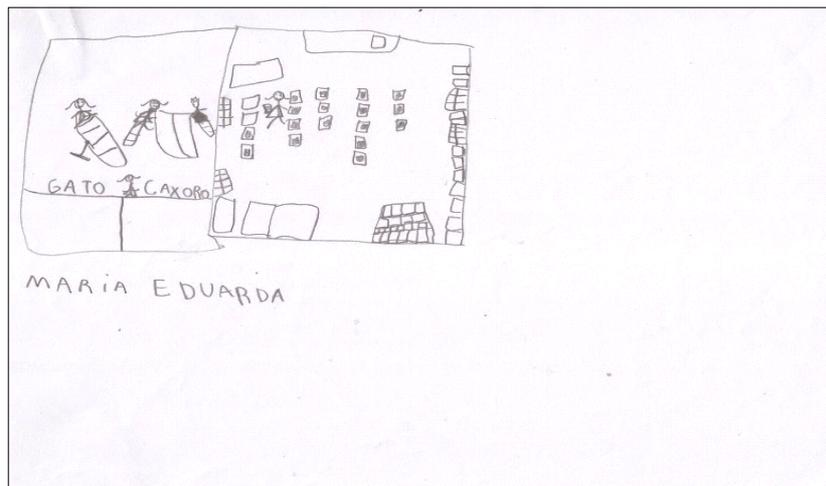


Figura 3: Desenho da sala de aula: Maria Eduarda 7 anos.

Nos desenhos a seguir se reforçam esse tipo de representação, onde há o problema de representação do espaço desorganizado, uma vez que não conseguem distribuir todos os elementos que compõe o espaço representado dentro do mesmo, (Figura 4). Porém, a particularidade e a espaço vivido de cada um está representado nos desenhos a seguir.

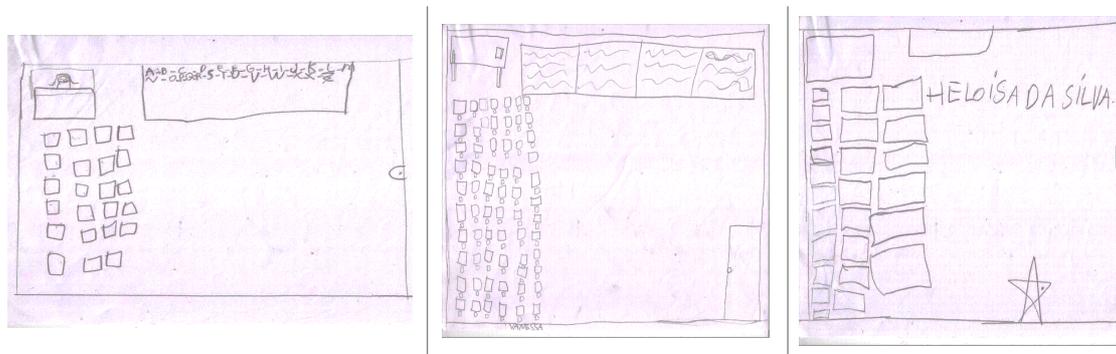


Figura 4: Desenhos da sala de aula.

No desenho abaixo pode-se observar pelos aspectos certo egocentrismo na representação do espaço, onde o nome da criança e ela aparecem como destaque. Outra evidência é a multidimensão de representação do espaço, que não foi realizado de forma linear, uma vez que a representação da sala e do parque estão no mesmo desenho/plano, (Figura 5).



Figura 05: Desenho da sala de aula: Maria 7 anos.

Analisando as imagens acima nota-se que as crianças utilizaram vários recursos para representar de forma mais real possível a sala de aula, empregando toda a imaginação, denotando uma miscelânea de abordagens que é exposta por cada um. Isso se deve uma vez que não foi definida uma diretriz de como deveria ser realizada a representação do espaço.

Essa diversidade na forma de representação vem ao encontro da discussão do conceito de lugar, que tem como uma de suas características a subjetividade dada em cada espaço/tempo do indivíduo. Com isso, o que se nota é o uso de todos os recursos disponíveis para retratar com veracidade o local a ser representado. Como parte do trabalho na primeira etapa foi discutida a representação do espaço de forma dirigida.

Nessa segunda parte foi solicitada que os alunos cartografassem o espaço numa visão vertical, de modo que o represente como seria em seus pontos de vista. As figuras a seguir são alguns exemplos de com os alunos representaram a sala vista de cima. (visão em planta) (Figura 6).

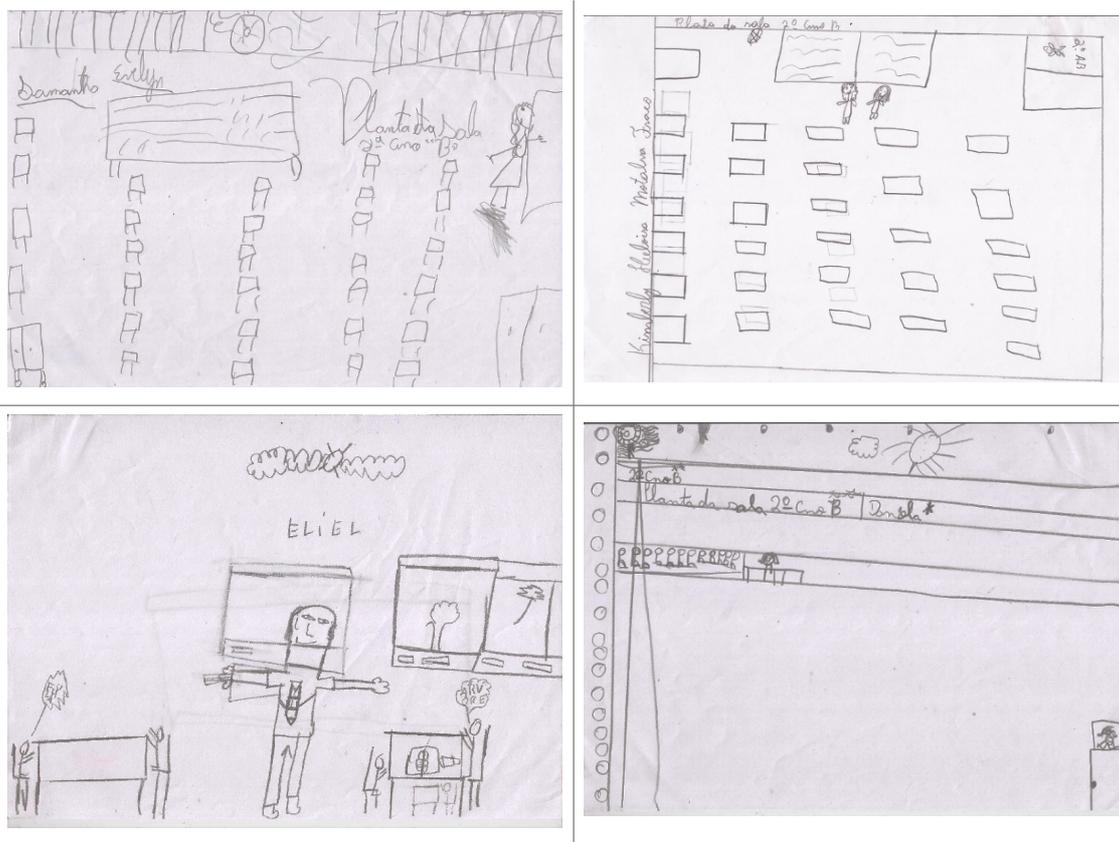


Figura 6: Desenho da sala a partir do ponto de vista de cima.

As crianças demonstraram muita dificuldade em compreender o que foi pedido, como elas nunca viram a sala de aula vista por cima, tiveram problemas em imaginar como seria. Nas representações, o quadro foi um elemento presente em vários desenhos. Como se localiza na frente da sala e foi pedido o desenho da sala de aula vista de cima, algumas crianças, na tentativa de representar o que foi solicitado, o desenharam.

A confusão foi compreensível, pois para os alunos a questão é: como desenhar a sala de aula vista de cima se nesse momento eu estou dentro dela? E como pode ser notado nas figuras acima, há a tentativa pelos alunos para encontrar a solução para esse problema. Contudo, a busca por uma melhor compreensão dessa problemática pode ser dada por meio de uma maquete, que consiste num modelo tridimensional e, se confeccionada com esmero, traz uma boa aproximação da realidade que eles estavam vivendo neste momento do desenvolvimento do trabalho (CALLAI, 2005).

Dessa forma, no terceiro momento foi trabalhada a maquete da sala de aula, sendo feita uma introdução do mapa da sala. Essa procurou mostrar para os alunos, de forma simples, o processo de criação de um mapa, concomitantemente, introduzindo e trabalhando conceitos cartográficos. Para essa atividade a maquete (escala 1:20) da sala

de aula não foi confeccionada pelos alunos, devido à limitação do tempo, sendo elaborada pelos autores e apresentada aos alunos (Figura 7).

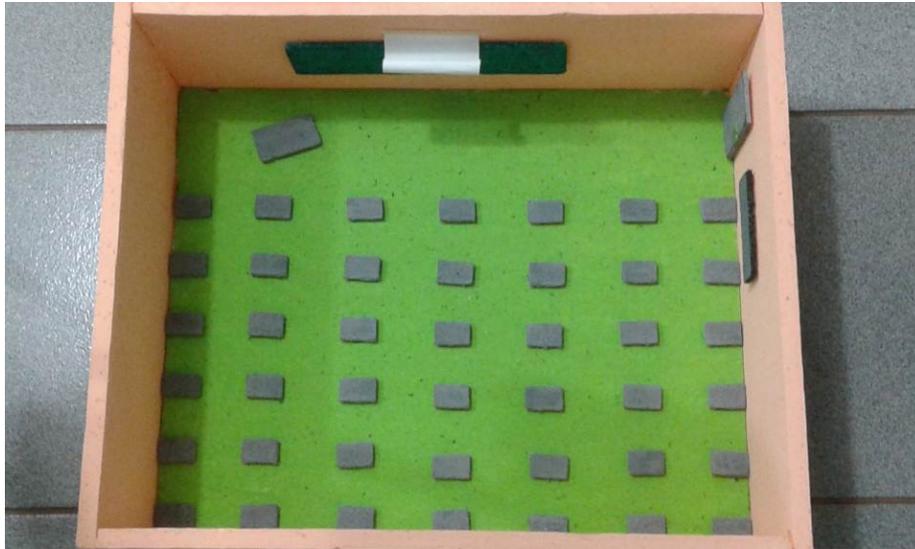


Figura 7: Maquete da sala de aula apresentada aos alunos.

Em um diálogo com os alunos, foi lembrada a atividade anterior: desenho da sala de aula a partir de dois pontos de vista diferentes, o primeiro, do lugar em que estavam sentados e o segundo, a sala de aula vista de cima.

Colocou-se uma dúvida para os alunos: O que é uma maquete? Em seguida foi apresentada a maquete da sala de aula, de forma a buscar que as crianças conseguissem perceber os objetos da sala de aula na maquete. Buscou-se questionar sobre o posicionamento correto da sala, induzindo os mesmos a buscar referências como a porta, à mesa da professora e o quadro.

Depois foi introduzido o conceito de lugar, sendo solicitado que os alunos indicassem na maquete o lugar em que sentava e onde o amigo que estava a sua direita e a sua esquerda. Nessa etapa alguns alunos não conseguiam perceber o seu lugar na maquete e quando solicitado que ele mostrasse ele apontava o lugar na sala e não na maquete.

Observando a maquete e a sala de aula e o lugar em que estavam sentados, trabalhou-se o espaço vivido, pois as crianças têm uma relação de lugar com a sala de aula, assim através da maquete eles começaram a se perceber no espaço. Isso é fundamental, uma vez que estudar a linguagem cartográfica desde os anos iniciais possibilita a criança a capacidade de desenvolver a percepção do seu espaço de

vivência, potencializando uma capacidade cognitiva mais complexas sobre suas aplicações e possibilidades de entendimento do espaço.

Após esse desenvolvimento foi apresentado aos alunos a planta da sala de aula contendo os objetos da sala. A seguir foi pedido que cada aluno mostrasse o lugar em que sentavam e solicitado que desenhassem outra planta como nas imagens abaixo (Figura 8).

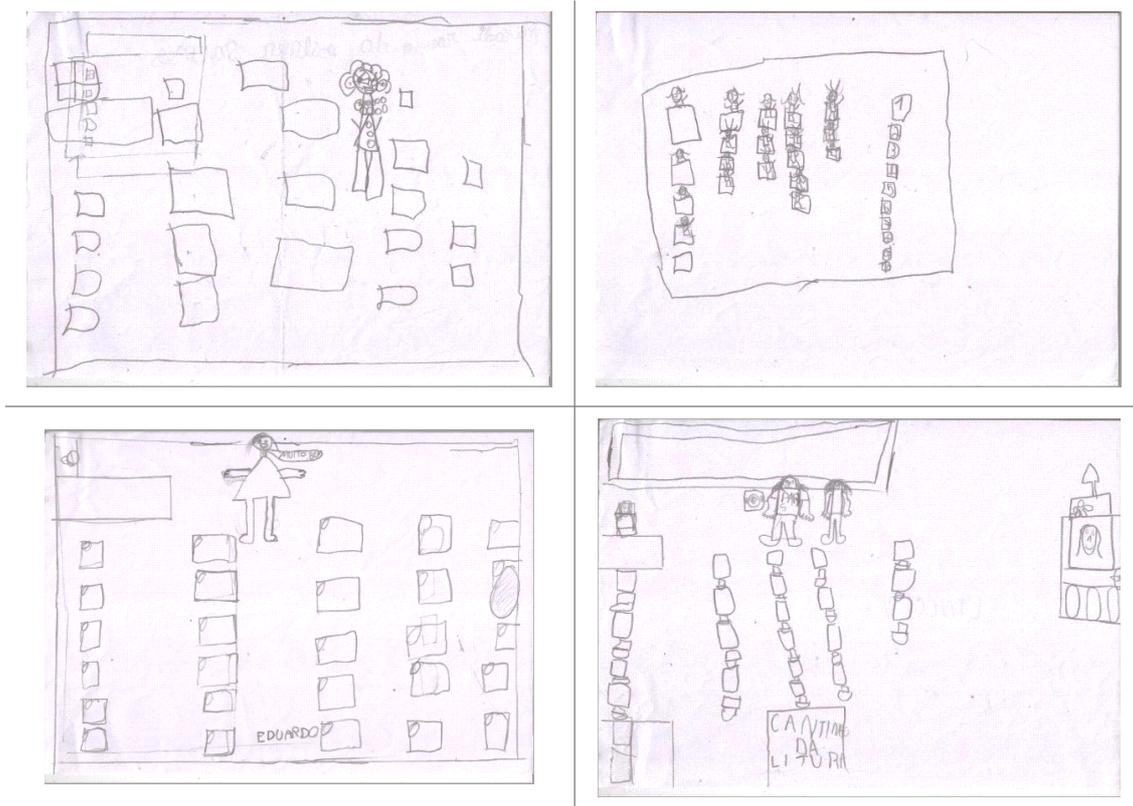


Figura 8: Representação em planta da sala de aula pelos alunos.

Analisando as imagens acima se percebeu que até o momento os alunos começaram a compreender o espaço como algo representado no papel, e para essa representação utilizou-se de vários pontos de vista. Assim se notou um desenvolvimento dos conceitos cartográficos pelas crianças, sendo que a maquete possibilitou a compreensão do ponto de vista e a percepção do espaço vivido pelo aluno.

A partir do conhecimento da maquete e a planta foi entregue para cada aluno uma cópia do mapa sem a legenda e pedido que o posicionassem corretamente. Os alunos foram questionados sobre o que estaria faltando no mapa entregue. Então foi explicado que esse mapa tinha outra finalidade, a de representar a localização dos

meninos e das meninas na sala de aula e que, portanto, a legenda seria criada por eles mesmos. Então foi definida a cor das carteiras das meninas, dos meninos e das carteiras sem alunos. As figuras abaixo são alguns exemplos de como foi representado à sala e a identificação dos meninos, meninas, e carteiras vazias e a legenda (Figura 9).



Figura 9: Planta baixa da sala de aula com a localização dos alunos e legenda.

## Considerações finais

A partir das discussões feitas ao longo do trabalho, pode-se perceber que a Geografia não pode mais ser concebida como uma disciplina secundária. Mas sim, que a mesma possui grande importância no desenvolvimento da aprendizagem pela criança, uma vez que estuda e discute os acontecimentos de transformação do mundo.

Como observado isso significa trazer a leitura e o entendimento da realidade para dentro da sala de aula, de forma a potencializar a compreensão do espaço geográfico. Nesse ínterim, o ensino de Cartografia propicia significativos subsídios ao instrumentalizar o aluno na interpretação do espaço vivido e representado.

Por meio das atividades efetivadas, verificou-se que introduzir os conceitos básicos de Cartografia é cada vez mais necessário, pois a partir da mediação pedagógica há a facilitação da criança na aquisição de conceitos como, ponto de vista, espaço, lateralidade, localização.

A criação dos mapas da sala de aula com a orientação correta em relação a disposição das carteiras/cadeiras permitiu aos alunos construírem a ideia de que a orientação dependerá do ponto de vista que estão. Também as atividades de desenhos possibilitaram notar a importância de introduzir os conceitos básicos de Cartografia nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

De maneira geral o trabalho produziu resultados positivos e contribuiu para diversificar a prática educativa no primeiro ano da educação básica do Ensino Fundamental, em que na maioria das vezes assiste-se a um ensino centrado nas disciplinas de Português e Matemática visando à alfabetização do aluno.

## Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Rosângela Doin de; PASSINI, Elza Yasuko. **O espaço geográfico: ensino e representação**. São Paulo: Contexto, 1989.

**BRASIL**. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Geografia (1.a a 4.a séries). Brasília: MEC/SEF, 1997.

\_\_\_\_\_. PCN - Parâmetros Curriculares Nacionais: história, geografia / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.166p.

CALLAI, Helena Copetti. Aprendendo a ler o mundo: A Geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. In: **Cad. Cedes**, Campinas, vol. 25, n. 66, p. 227-247, maio/ago. 2005.

CASTELLAR, Sônia Maria Vanzella. **O letramento cartográfico e a formação docente: o ensino de Geografia nas séries iniciais**. USP, São Paulo – 2005

CASTROGIOVANNI, Antônio. (Org.). **Ensino de geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2000.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. Campinas, SP: Papirus, 1998.

DIAS-OLIVEIRA, E. et, al. Considerações sobre os aspectos hidrogeomorfológicos da cidade de Jandaia do Sul-PR. In: **Revista Eletrônica Geoaraguaia**. Barra do Garças-MT. V 3, n.1, p 33 - 49. Janeiro/julho. 2013

DIAS, Tielle Soares. **Cartografia nas séries iniciais do ensino fundamental: para ler além das convenções**. ENPEG – Porto Alegre – 2009.

**IBGE** - Instituto de Geografia e estatísticas. Dados do Censo 2010 publicados no Diário Oficial da União do dia 04/11/2010. Disponível em: <[http:// www.censo2010.ibge.gov.br/dados\\_divulgados/index.php?uf=41](http://www.censo2010.ibge.gov.br/dados_divulgados/index.php?uf=41)>. Acesso em: 9 dez. 2014.

MARTINELLI, Marcello. **Técnicas quantitativas e Cartografia**: alguns comentários sobre uma aplicação. São Paulo: Geociências, 1998.

MIRANDA, Sérgio Luiz. Leituras do desenho e do lugar na sala de aula. In: **Anais** do XIV Congresso de Leitura do Brasil. Campinas, UNICAMP, 22 a 25 de julho, 2003.

ROCHA, Eliel Manasses da. **Alfabetização cartográfica na escola**. UNIASSELVI, 2010.

ROMUALDO, Sanderson dos Santos e SOUZA Graziella Martinez. **Discutindo a alfabetização cartográfica infantil**: uma contribuição ao ensino de Geografia nas séries iniciais. ENPEG. Porto Alegre, 2009.

SILVA, Adriana de Fátima da e PIMENTEL, Carla Silvia. **O conhecimento geográfico nas séries iniciais da educação básica** – o caso do município de Reserva/PR. Anais Semana de Geografia. Volume 1, Número 1. Ponta Grossa: UEPG, 2012. ISSN 2317-9759.

SILVA, J. M. Introdução de conceitos básicos da cartografia no primeiro ano do ensino fundamental. In: **Revista de Ensino de Geografia**, v. 2, p. 79-94, 2011.

SIMIELLI, M. H. **O mapa como meio de comunicação cartográfica**: implicações no ensino de Geografia do 1º grau. São Paulo: FFCLH/USP, 1986.

VOGES, Magnum Souza; CHAVES, Ana Paula Nunes. Alfabetização cartográfica: trajetórias da prática escolar em séries iniciais de escolas do município de Florianópolis – SC. In: **Anais** do II Seminário Nacional Interdisciplinar em experiências Educativas. Francisco Beltrão, 2007. Unioeste: Francisco Beltrão, 2007, p. 1 – 13.

Recebido em 08 de janeiro de 2016.

Aceito para publicação em 29 de junho de 2016.